

Presidente já pode viajar em paz

Sarney e Antônio Carlos prometem ficar calados se não forem provocados por FH com declarações durante estada na Índia

Alton de Freitas/ 12-12-95

Jorge Bastos Moreno

• BRASÍLIA. A viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso à Índia, a primeira de um chefe de Estado brasileiro, promete se transformar na sua primeira ausência do Planalto sem crise política. Da parte dos aliados, que protagonizaram um tiroteio com Fernando Henrique durante sua recente viagem à China, a garantia foi dada pelo presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), e pelo senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

— Não basta apenas nossa intenção. É preciso que de lá, ao contrário das outras vezes, não venham declarações inadequadas — adverte Antônio Carlos.

O presidente do PFL, Jorge Bornhausen, desde o início do governo itinerante de Fernando Henrique vem sugerindo que sejam evitadas declarações no exterior sobre política interna.

— Sempre que isso ocorre, e não é só no Governo atual, o resultado nunca é positivo — pondera Bornhausen.

Ele lembra que é para tratar de assuntos políticos que o vice-presidente Marco Maciel assume constitucionalmente o lugar de Fernando Henrique.

Em lua-de-mel com o presidente, a quem representou nos funerais do ex-presidente francês François Mitterrand, Sarney chega ao exagero de criar piadas contra ele mesmo, pondo o próprio Fernando Henrique como personagem principal das histórias.

O presidente riu muito e passou adiante uma dessas piadas, relatada por Antônio Carlos, na qual ele lamenta que tenha sido a empresária teatral e ex-deputada Ruth Escobar, e não ele, Sarney, a vítima de um assalto em Paris, que resultou em três facadas.

No almoço com governadores e dirigentes nacionais do PMDB, Fernando Henrique, durante os brindes, prometeu retribuir a homenagem com uma noite de queijos e vinhos.

— Eu entro com os queijos, e você, Sarney, com os vinhos.

— “Home”, pare de me perseguir! Você sabe que os vinhos são mais caros.

Além da tranquilidade de estar numa fase boa com os aliados, o que nem sempre se reflete nos resultados das votações, o presidente leva na bagagem de sua via-



SARNEY E ANTÔNIO Carlos: promessa de trégua, sob certas condições, durante a visita que o presidente Fernando Henrique vai fazer à Espanha e à Índia

gem de quase uma semana algumas dúvidas. A principal delas é qual ministério deve dar ao PPB e quem será o contemplado.

Se depender dos ministros mais próximos, será o deputado Francisco Dornelles (RJ), mas o senador Esperidião Amin (SC) está no páreo. Por ele, mudança no Ministério só ocorreria em agosto, quando, aí sim, pretende fazer algumas alterações sem a característica de reforma ministerial. Ainda é muito recente na mente do presidente a guerra surda travada nos bastidores quando ele, há um mês, resolveu instalar no Governo o deputado Aloysio Nunes Ferreira (PMDB-SP).

O PFL aprovou, mas o veto veio do comando formal do PMDB. Aloysio iria para o lugar do ministro-chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, que seria remanejado para outro cargo, embora exercendo as mesmas funções.

Agora, Carvalho, segundo o próprio Fernando Henrique, é irremovível. O senador Pedro Simon (PMDB-RS) confidenciou a um parlamentar amigo que, recentemente, na companhia do governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, fora ao presidente pedir a substituição de Carvalho e ouviu uma resposta seca:

— Esse moço é imprescindível para mim.

Previdência continua em debate durante a viagem

Os debates no Congresso devem ser centralizados, mais uma vez, na reforma da Previdência, já que outros assuntos importantes tramitam em comissões. Esta semana será votado na Comissão de Constituição e Justiça do Senado, o parecer de Jâder Barbalho (PMDB-PA), favorável à criação do Fundo de Estabilização Financeira (FEF). Na Câmara será instalada a Comissão Especial que analisará a criação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF).

Com a paralisação dos trabalhos na Comissão Especial de re-

forma da Previdência, Governo e centrais sindicais voltam à mesa de negociação para tentar avançar o entendimento de pontos que ficaram pendentes. Amanhã o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Vicente Paulo da Silva, Luís Antônio Medeiros (Força Sindical) e Canindé Pegado (CGT), voltam a se reunir com os ministros Paulo Paiva (Trabalho) e Reinhold Stephanes (Previdência) para defender, desta vez, mudanças em pontos da reforma que mexem com a vida dos funcionários públicos, os grandes críticos do acordo, que, consideram, beneficiaria os trabalhadores da iniciativa privada.

Vicentinho vai tentar avançar na manutenção das aposentadorias especiais para professores universitários, no fim da idade mínima para aposentadoria dos servidores com vencimento integral e, principalmente, na promessa do Governo de que os líderes no Congresso serão ouvidos.

— Queremos garantir uma boa discussão com os parlamentares. — disse.

— Aquilo que já foi negociado é um bom limite. Mas o Governo não fechará a porta. Vai fazer o possível para aproveitar essa abertura — avaliou o vice-líder do Governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA). ■